BASF Sociedade de Previdência Complementar

Lâmina de Informações - Agosto 2026

Comentários

Prezados(as) colaboradores(as), o cenário econômico foi influenciado pelos seguintes eventos no mês de agosto:

Cenário Internacional

- Não houve avanços na resolução do conflito militar entre EUA e Irã, inclusive com o prazo de 60 dias do memorando de entendimento terminando sem um acordo definitivo, o que manteve pressionados os preços do petróleo e, sobretudo, do gás natural. Sem melhoras no front geopolítico, os mercados globais continuaram focados na divulgação e evolução dos dados de inflação e atividade, principalmente nos Estados Unidos. Somado a isso, outros dois fatores relevantes advindos também dos EUA tiveram importante impacto nos negócios durante o período: as medidas e comunicações do Tesouro norte-americano e o discurso de Kevin Warsh, presidente do Fed, no simpósio de Jackson Hole.

- Do lado da inflação nos EUA, o CPI (inflação ao consumidor) do mês de julho subiu 0,1%, ante -0,4% no mês anterior, passando a acumular 3,4% em 12 meses. Quanto ao núcleo, o índice subiu 0,2%, ante estabilidade em junho, passando a acumular 2,5% na base anual, o menor nível desde março de 2021. Embora no acumulado de 12 meses o CPI continue bem acima da meta de 2% do Fed, a certa melhora no núcleo e a continuidade do processo de desinflação do índice, mesmo que de maneira lenta, diminuíram de maneira provisória as pressões por alta de juros nos mercados.

- Além disso, outros dois fatores se contrapuseram e mexeram com as expectativas para os próximos passos do BC dos EUA na definição dos Fed Funds e nas taxas de juros de mercado de longo prazo. Por um lado, o Tesouro norte-americano anunciou o aumento da recompra dos títulos de 10 e 30 anos no mercado de US$ 2 bilhões para US$ 4 bilhões por operação, causando uma queda das taxas longas, mas por outro, Kevin Warsh discursou em Jackson Hole e deixou claro que a principal preocupação do Fed neste momento é a inflação, advertindo que não há garantia de que os preços retornem sozinhos à meta de 2%.

- Sem evoluções no conflito no Oriente Médio e com os dados de atividade dos EUA mantendo uma boa forma, com certo equilíbrio no mercado de trabalho e consumo das famílias em bom número, os movimentos nas taxas de juros norte-americanas foram um assunto central no mês de agosto. A potencial intervenção do Tesouro derrubou as taxas longas e enfraqueceu o dólar, mas o discurso de Warsh reverteu o movimento e resultou no fechamento do mês em alta moderada dos juros e de forma praticamente uniforme ao longo da curva (apreçando uma probabilidade significativa de alta de juros nas próximas reuniões do Fed). Além de serem influenciadas pelos movimentos nos juros, as bolsas globais tiveram um mês positivo devido principalmente a forte temporada de balanços nos EUA e ao bom desempenho das ações de tecnologia e IA, o que resultou em alta de 2,62% do S&P500 e 2,48% do MSCI World.

Cenário Local

- No Brasil, a movimentação na curva de juros norte-americanas e a volta de recursos para as teses ligadas à tecnologia e IA nos EUA, em conjunto com as preocupações com o cenário fiscal doméstico, resultaram em manutenção das altas taxas de juros dos títulos públicos, embora em menores níveis do que o mês anterior, e queda da bolsa de valores, impactada também pela relevante saída de capital estrangeiro. A corrida eleitoral, faltando pouco mais de dois meses para a

definição do próximo presidente da república, também impactou os mercados em alguns dias, ora pela manutenção da vantagem da situação nas pesquisas, ora pelo aumento da probabilidade de alternância de poder.

- Do lado da economia real, os dados indicaram comportamento misto nas últimas leituras, mas em linha com um cenário de moderação. As vendas no varejo (PMC) registraram alta de 0,5% no índice restrito e recuo de 1,0% no ampliado, os serviços (PMS) mantiveram-se estáveis, a produção industrial (PIM) recuou 1,8% e o IBC-Br registrou queda de 0,6% (mais do que suficiente para reverter a alta acumulada nos últimos dois meses). Do lado fiscal, o setor público consolidado registrou superávit primário de R$ 1,4 bilhão em julho e déficit de R$ 89,6 bi (-0,67% do PIB) em 12 meses, com a dívida líquida (DLSP) subindo a 69,1% e a dívida bruta (DBGG) subindo para 82,5% do PIB.

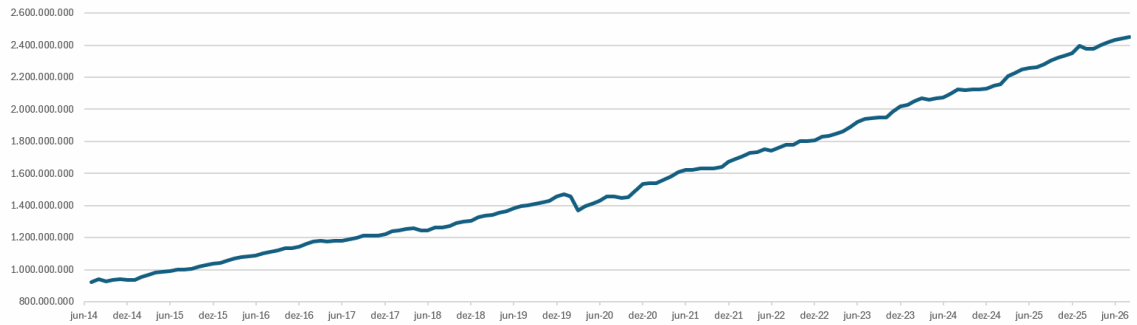
- Quanto à inflação, o IPCA registrou alta de 0,07% em julho, um pouco acima da mediana de mercado (0,03%), e acumulou em 12 meses 4,44% e mesmo diante de um índice próximo ao topo da banda da meta, o Copom reduziu a Selic em 25 bps para 14,00%, conforme o esperado pelo mercado, indicando "moderação gradual da atividade econômica, embora ainda em patamar resiliente" e certa melhora na inflação, mencionando a desaceleração do índice cheio e das medidas subjacentes.

- No fechamento do mês, a temporada de resultados aquém do esperado, com o 2T26 abaixo das expectativas na maior parte dos setores, e a relevante saída de recursos estrangeiros da bolsa (R$18,5 bi, a maior retirada mensal desde março de 2020) fizeram o Ibovespa recuar 6,5% durante o mês antes de se recuperar e fechar com queda marginal de 0,33%. Na renda fixa, por um lado uma inflação ligeiramente melhor, por outro a alta nas taxas de juros norte-americanas e o cenário fiscal, resultaram em manutenção das altas taxas dos títulos públicos, embora elas tenham recuado frente ao mês anterior, o que resultou em ganhos para os títulos atrelados à inflação (1,58%, representados pelo IMA-B) e performance mediana dos títulos prefixados (1,04%, representados pelo IRF-M).

Quadro de Rentabilidade

	Agosto	*3 meses*	*6 meses*	*2026*	*12 meses*	*24 meses*	*36 meses*	*60 meses*	*120 meses*
Plano BASF	0,77%	2,15%	4,48%	7,31%	11,83%	22,85%	35,01%	62,66%	165,68%
CDI	1,09%	3,47%	7,00%	9,32%	14,63%	29,40%	43,89%	80,11%	144,44%
Inflação (IPCA)	-0,32%	-0,09%	2,05%	3,11%	4,22%	9,57%	14,21%	29,90%	61,15%
Poupança	0,67%	2,03%	4,07%	5,47%	8,34%	16,74%	25,20%	44,96%	79,38%

Evolução do Patrimônio



Composição Patrimonial

